

PROFESSOR: UM INTELLECTUAL ORGÂNICO DAS CAMADAS POPULARES? CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE ANTONIO GRAMSCI

Matheus Gonçalves dos Reis¹
Programa de pós-graduação da
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP

Resumo:

O presente trabalho é resultado parcial de pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Seu principal objetivo é buscar na obra do filósofo italiano, Antonio Gramsci (1891-1937), elementos que permitam investigar o seguinte problema: pode o professor da escola pública atuar como intelectual orgânico das camadas populares? Se sim, em que medida e de que forma ele cumpre essa função? O intelectual orgânico é aquele que tem sua origem articulada ao surgimento de uma determinada classe social, com a finalidade de dar a esta classe “homogeneidade e consciência da própria função”, tanto no plano econômico, quanto no social e político. (Gramsci, 2006, C 12, §1, p. 15). A hipótese central deste trabalho é a de que esse papel pode ser exercido pelo professor em relação às camadas populares, visto que ele age diariamente na formação dos estudantes, os quais, no caso da escola pública, provêm majoritariamente dessas camadas. Afirmar essa possibilidade implica reconhecer a escola como espaço de contradição, de conflito, de luta por hegemonia, e o professor como um dos agentes dessa luta. Cumpre, porém, analisar por quais meios ele pode exercer essa função. No enfrentamento dessas questões, pretende-se enfatizar a relação professor-aluno, procurando identificar, à luz das posições de Gramsci, em que bases ela deve ser construída para que a ação educativa propicie uma efetiva elevação cultural dos estudantes. Para tanto, serão examinados, prioritariamente, os Cadernos 10, 11 e 12, da obra *Cadernos do Cárcere*, além de textos complementares do mesmo autor e de seus estudiosos. Trata-se de um trabalho bibliográfico, metodologicamente fundamentado no materialismo histórico dialético, particularmente nas formulações de Antonio Gramsci.

Palavras-chave: intelectual orgânico; professor; escola; superestrutura; dialética; sociedade civil

ABSTRACT:

The present study is a partial result of a master's research still under development at the Faculty of Education of University of Campinas. The main goal is to search the work of the Italian philosopher, Antonio Gramsci (1891-1937), elements that allow investigate the following problem: can the public school teacher be an organic intellectual of the popular classes? If yes, to what extent and in what way he can accomplish this function? The organic intellectual is the one connected to the birth of a new social class, with the finality of giving to this class “homogeneity and consciousness of its own function”, both in economic and in social political fields. (Gramsci, 2006, C 12, §1, pp. 15). The central hypothesis

¹Mestrando em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

of this study is that the teacher can play this role in relation to the popular classes, since he acts daily in the training of students, which in the case of public schools, mostly comes from these layers. Affirming that possibility implies recognizing the school as a place of contradiction, of conflict and struggle for hegemony, and the teacher as one of the agents of that struggle. However, we should consider by what means he can perform this function. In addressing these issues, it is intended to emphasize the teacher-student relationship, seeking to identify, in the light of Gramsci's positions, in what basis this relationship should be built so that the educational activity propitiates an effective cultural elevation of the students. To do so, they will be examined primarily the books 10, 11 and 12, of the work *Prison Notebooks*, and complementary texts by the same author and his scholars. This is a bibliographic work, methodologically based on historical dialectic materialism, particularly in Antonio Gramsci formulations.

Key words: organic intellectual; teacher; school; superstructure; dialectic; civil society

INTRODUÇÃO

Antonio Gramsci foi, talvez, um dos filósofos marxistas mais preocupados com a formação educativa e intelectual do ser humano. Sem abdicar da luta revolucionária propriamente dita, para ele, o processo de transformação social não poderia prescindir de um trabalho simultâneo de elevação cultura de massas, necessário para a construção de uma nova hegemonia. Daí sua ênfase na necessidade permanente de contato entre os intelectuais e os “simples”, contato esse que se dá nas diversas instituições da “sociedade civil”, inclusive a escola. No caso específico dessa instituição, o intelectual em questão é, obviamente, o professor. Mas que tipo de intelectual ele é? O termo é antigo e, em geral, designa aquelas pessoas às quais “se atribui a tarefa de elaborar e transmitir conhecimento, teorias, doutrinas, ideologias, concepção de mundo ou simples opiniões, e que acabam formando as ideias de determinada sociedade e determinada época”². Os nomes atribuídos a essa função variaram ao longo do tempo: filósofos, sábios, doutores, pessoas letradas, literatos, etc. Mais recentemente, a palavra foi também associada ao russo *intelligentsia*, que, no contexto precedente à Revolução Russa, designava homens livres-pensadores que criticavam a autocracia czarista³.

² BOBBIO, Norberto. “Os Intelectuais e o Poder”. Tradução de Marco Aurélio Nogueira, São Paulo, Editora Unesp, 1997, p. 110.

³ Ibidem, p. 121.

1 O intelectual segundo Antonio Gramsci

Como sabemos, Gramsci alargou bastante o conceito de intelectual. Referindo-se aos critérios normalmente empregados para distinguir os intelectuais e não-intelectuais, afirma que o erro metodológico, no qual muitos estudiosos desse tema incorreram, parece ter sido o de buscar esse critério em algo “intrínseco às atividades intelectuais”, quando, na verdade, deviam buscá-lo “no conjunto de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que a personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais”⁴. O metalúrgico não é especificamente caracterizado por seu trabalho manual, mas pelo trabalho que realiza em condições determinadas e em relações sociais determinadas, isto é, sua figura social não é determinada pela atividade manual, e sim pelas relações sociais que caracterizam sua posição dentro da indústria. Gramsci entende os intelectuais como grupos “intimamente entrelaçados nas relações sociais, pertencentes a uma classe, a um grupo social vinculado a um determinado modo de produção”⁵. O intelectual é alguém que está conectado com determinado grupo social, representando-os na esfera política, cultural e social. Pode ser um operário, escritor, político, professor: sua principal função como intelectual é dialogar com grupos sociais, tornando-se representantes de suas ideias e objetivos políticos dentro da sociedade.

Segundo Gramsci, não existe trabalho puramente físico. Em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora⁶. No labor mais alienado existe “um componente reflexivo, assim como todo ser humano tem uma cultura e forma-se uma concepção de mundo no interior do seu ambiente social e do seu grupo”⁷. Não se pode excluir a atividade intelectual, reflexiva, das ideias, da atividade motora, nervosa, muscular. Ou, nas palavras de Gramsci, “Não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*”⁸. O operário é um intelectual tanto quanto o político: a diferença

⁴ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 12, p.18.

⁵ SEMERARO, Giovanni. Intelectuais orgânicos em tempos de pós-modernidade. Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 376, set./dez. de 2006. Texto online, acessado em 27 de Abril de 2016.

⁶ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. op. cit., p.18.

⁷ SEMERARO, Giovanni. Intelectuais orgânicos em tempos de pós-modernidade, op. cit., p. 379 .

⁸ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, op. cit., p. 53.

entre ambos - além da influência exercida dentro de um grupo social, - está no tipo de esforço empregado por cada um, isto é, enquanto o primeiro exerce esforço de tipo muito mais físico-motor, o segundo exerce esforço de tipo mais cerebral-reflexivo. O trabalhador não possui a função intelectual que detém o político, porém nem por isso sua atividade deixa de ter um componente criativo, reflexivo, oriundo do ambiente social no qual se encontra, e que suscita nele uma concepção de mundo. Todos desenvolvem certa atividade intelectual, ainda que minimamente, pois todos os homens possuem uma concepção de mundo, uma linha consciente de conduta moral, e contribuem assim para alterar ou conservar outras concepções de mundo, ou seja, contribuem para suscitar novas maneiras de pensar⁹.

Seria possível dizer então que todos os homens são intelectuais em alguma medida, em algum nível de atividade? Para Gramsci, a resposta é um sim necessário, pois, como dito acima, o conjunto das relações sociais é que determina a intelectualidade de cada indivíduo. Não obstante, o intelectual é caracterizado também pelo componente reflexivo existente em cada trabalho, seja este de tipo manual, seja de tipo intelectual; toda atividade suscita uma concepção de mundo. Desse modo, não existem não intelectuais, ou melhor, todos são intelectuais, ainda que nem todos possuam na sociedade a função de intelectuais¹⁰.

Gramsci não restringe o conceito de intelectual à atividade exercida por cada indivíduo; ao contrário, ele amplia esse conceito no sentido em que entende os intelectuais como representantes “do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social”¹¹. São os intelectuais que atuam no plano superestrutural da sociedade civil, a fim de adquirir o consenso espontâneo – e às vezes coercitivo - das massas, para que estas estejam de acordo com as políticas do Estado ou do grupo governante, preservando assim a hegemonia dominante.

Se, para Gramsci, todos são intelectuais, pode-se inferir a partir desta máxima que o professor também é um intelectual. O professor, em sua atividade política de ensinar, está diariamente formando ou pelo menos contribuindo para a formação de seus alunos: ele está

⁹ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 12, p. 53.

¹⁰ Ibidem, p.18.

¹¹ Ibidem, p. 21.

disseminando ideias, juízos morais, concepções de mundo. Ainda na esteira do conceito de intelectual gramsciano, o professor é um intelectual que pode representar seus alunos enquanto grupo social, de maneira mais homogênea e crítica, visto estar em constante contato com eles, vivendo suas necessidades de aprendizado e seu cotidiano.

2 O professor enquanto possível intelectual orgânico das camadas populares

Partindo do pressuposto de que todos são intelectuais, Gramsci aponta para dois tipos específicos de intelectual, denominados intelectual tradicional e intelectual orgânico. Os intelectuais tradicionais são aqueles que mesmo representando certo grupo que os elegeu como intelectuais, se colocam acima de seus representados, como autônomos e independentes. Um exemplo disso seria a categoria dos eclesiásticos, que desde a Idade Média detinham o monopólio cultural, ou seja, dominavam a ideologia religiosa, a filosofia e as ciências. Tais eclesiásticos podiam ser igualados à aristocracia, pois compartilhavam privilégios semelhantes, como o uso da propriedade feudal. Compartilhavam seu conhecimento com os subalternos apenas parcialmente, deixando-os sempre num “limbo intelectual”. Essa autocolocação tem consequências negativas para o grupo social, pois este perde contato com o grupo de intelectuais e com as ideias que eles representam, desmembrando o bloco histórico¹² unitário, por assim dizer. Sem a assistência dos intelectuais, é difícil para os simples se elevarem intelectualmente, buscando a concepção do mundo crítica e orgânica que Gramsci sugere. (GRAMSCI, 2001, Vol.2, C12, p.17)

O intelectual orgânico seria aquele que representa determinada classe e exerce funções culturais, políticas e educativas, e desse modo assegura a continuidade histórica dos grupos por ele representados. Todo grupo social nasce de uma situação essencial da produção econômica, e cria para si grupos de intelectuais, que os representam, que lhes darão homogeneidade e consciência de sua própria função (GRAMSCI, 2001, Vol.2, C12, Ss1, p.15). O intelectual orgânico age em prol do grupo ao qual pertence e representa, agindo com eles, a fim de criar

¹² O conceito de bloco histórico une organicamente a estrutura, que corresponde às forças produtivas e às relações de produção de uma sociedade, e a superestrutura, que são as instituições político-jurídicas e ideológicas, tais como o Estado, a sociedade civil e política, as correntes filosóficas e artísticas. Os intelectuais são os agentes que atuam no âmbito da superestrutura, a fim de conseguir o consenso das massas, preservando ou transformando a hegemonia dominante.

coesão de ideias e concepções de mundo compartilhadas pelo grupo, tornando-se assim, um bloco histórico unitário e coerente, crítico. O intelectual orgânico “é capaz de elaborar, de modo crítico e equilibrado, suas atividades manuais e físicas com sua atividade intelectual”¹³, e não se coloca acima daqueles que representa, como faz o intelectual tradicional, pois necessita estar em contato com os “simples” para a efetivação de sua função organizativa, para adquirir o consenso que permite a construção da hegemonia do grupo dominante. Em suma, Gramsci estuda o intelectual orgânico como figura que analisa a cultura e os homens, que fornece consciência e homogeneidade às classes que representa¹⁴.

Os intelectuais orgânicos, na medida em que avançam em alguma atividade e adquirem certo respaldo social e cultural, “formam uma conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação ao grupo social dominante”¹⁵. Um grupo social que se desenvolve e luta para obter domínio alcança seu objetivo mais rápido se consegue elaborar seus próprios intelectuais orgânicos¹⁶, isto é, quanto mais rápido o grupo social consegue formar seus próprios intelectuais, mais rápido ele obtém o domínio da hegemonia sociocultural e dos meios de produção.

O professor pode ser este intelectual orgânico? Essa é a principal pergunta que o vigente trabalho visa responder. Pensar o intelectual orgânico significa pensar a influência que ele têm na superestrutura, visto que é ele quem assume um papel hegemônico, de formação de ideias e concepções de mundo, as quais influenciarão as decisões e atitudes de um grupo de pessoas. O lugar ocupado pelo professor, portanto, é um lugar hegemônico, pois ele ensina e influencia estudantes, os quais estão inseridos no ambiente escolar, ambiente de ensino por excelência, durante muitos dias e muitas horas por semana. Em suma, é o educador quem trabalha

“de modo incessante para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para se tornarem

¹³ SILVA, Deise Rosálio. “Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2010. p. 90.

¹⁴BEIRED, J. L. B. “A função social dos intelectuais”. In: AGGIO, Alberto. “Gramsci: a vitalidade de um pensamento”. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1998. p. 127.

¹⁵GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 12, p.18.

¹⁶ Ibidem, p.19

seus ‘espartilhos’. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é a que realmente modifica o ‘panorama ideológico’ de uma época.”¹⁷

Um dos possíveis caminhos para se pensar o professor como possível intelectual orgânico das camadas populares – e que encontra respaldo na teoria gramsciana - seria a relação entre professor e aluno. Tal relação deve se pautar na reciprocidade do aprendizado, na qual professor e aluno são, ambos, educadores e educandos; em suma, uma relação que se caracteriza pela dialética existente entre professor e aluno. Segundo Gramsci: "... a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vinculações recíprocas, e que, portanto, todo professor é sempre aluno e todo aluno, professor"¹⁸. O saber do aluno, isto é, suas experiências de vida, suas leituras de mundo, sua opinião acerca dos grandes temas da atualidade, enfim, tudo isso deve ser levado em consideração no momento do aprendizado. O professor precisa estar ciente desses saberes inerentes ao aluno, para que possa planejar sua ação educativa tendo como base essa experiência já acumulada pelo educando, de modo que o processo de aprendizagem seja articulado com a vida e a realidade do educando. O educador se torna um aprendiz a partir do momento em que é ensinado pelo aluno sobre a realidade deste e, dialeticamente, o aluno se torna professor quando ensina sobre sua própria realidade para o educador; ambos se tornam, assim, professor e aluno, simultaneamente.

O professor, portanto, pode contribuir para essa elevação cultural na medida em que debate e discute não só os conteúdos a serem ensinados em sala de aula, mas também na medida em que estimula os alunos a terem senso crítico a respeito do mundo e da realidade em que vivem, de sua própria história e lugar na sociedade. Entende-se elevação cultural como uma concepção de mundo elevada, orgânica, que um indivíduo tem de si mesmo e do mundo; como um pensamento crítico do momento histórico em que vive, de sua existência e de seu próprio tempo. Para se atingir essa elevação cultural, o professor pode partir dos conhecimentos já existentes no aluno para iniciar o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que insere novos conhecimentos no processo educativo, oriundos de sua formação. De modo a atingir essa concepção de mundo elevada, uma possível estratégia seria entrar em contato com a concepção

¹⁷ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, v.2, 2007. In: Caderno 11, p.110

¹⁸Ibidem, Caderno 10, p. 399.

de filosofia de mundo do aluno, isto é, sua filosofia espontânea. A análise do conceito de filosofia em Gramsci, portanto, se faz necessária a fim de contribuir para uma reforma intelectual dos alunos.

Pode-se encontrar uma possível definição que Gramsci dá de filosofia, a partir de Croce¹⁹, a qual afirma que os homens são filósofos "na medida em que atuam praticamente e nesta sua ação prática está contida implicitamente uma concepção de mundo, uma filosofia"²⁰. Aqui, podemos entender filosofia como uma concepção de mundo, uma visão que todas as pessoas têm sobre o mundo ao seu redor, e que se efetiva na ação prática de cada um. Além disso, no caderno 11, §12(p.93), Gramsci demonstra que todos os homens são filósofos e define os limites e características dessa 'filosofia espontânea'²¹.

Em resumo, pode-se definir essa filosofia espontânea como uma concepção de mundo não crítica, talvez até irrefletida ou de elementos desagregados, mas que todos os homens carregam muitas vezes sem saber. Tal filosofia tem seus fundamentos, segundo Gramsci, em três pilares básicos: na própria linguagem, pois esta é um conjunto de noções e conceitos determinados, os quais permeiam o imaginário do homem mais comum; no senso comum e no bom senso; e na religião popular ou sistema de crenças que cada indivíduo carrega consigo²².

Não se trata de deslegitimar a filosofia do senso comum e de enaltecer a filosofia dos intelectuais. Mas essa filosofia espontânea não é suficiente para Gramsci. É necessário criticá-la e instruir aquele que a carrega a pensar o mundo para além daquela mentalidade acrítica, superando as falácias ou equívocos, existentes na religião e principalmente no senso comum. Dessa superação, pode-se ter, segundo Gramsci, algo que podemos chamar de filosofia propriamente dita, entendida aqui como concepção de mundo criticamente coerente, a qual apresenta o rigor das filosofias elevadas, todavia sem menosprezar a filosofia espontânea que todos já possuem. Ensinar aos alunos esse rigor filosófico e mostrar suas aplicações e desdobramentos para o cotidiano pode aproximar os alunos de uma concepção elevada de mundo. O professor que

¹⁹ Benedetto Croce (1866-1952) foi um filósofo e político italiano que influenciou Gramsci em sua juventude. Mais tarde, o próprio Gramsci criticaria diversas posições idealistas de Croce em seus escritos carcerários.

²⁰ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, v.1, 2007. In: Caderno 10, p.325.

²¹ Ibidem, Caderno 11, p. 93.

²² Idem.

pretende elevar culturalmente seus alunos pode se valer dessa filosofia espontânea para pensar maneiras mais eficazes de ensinar os conteúdos, e nesse sentido vislumbrar uma possível alternativa do professor enquanto intelectual orgânico.

É preciso salientar que a posição do professor pode ser exercida em diferentes espaços, porém existe um lugar específico para se ensinar: a escola. É no espaço escolar que o professor atua intensamente enquanto intelectual. Sendo assim, é necessário analisar o papel da escola para Gramsci e seus desdobramentos na atividade intelectual do professor.

3 O papel da escola para Gramsci

A escola pública, por ser uma instituição do Estado, podem muitas vezes reproduzir o modo de ensino que as camadas dominantes julgam ser efetivas para se perpetuar a ordem vigente que elas mesmas criaram. Boa parte das escolas estaduais que vemos atualmente apresentam dificuldades no que tange a uma elevação da capacidade intelectual e crítica de seus alunos. Mesmo que tenham esse objetivo, as condições materiais – como a falta de merenda ou salas superlotadas, no caso do estado de São Paulo – e ideológicas – o fato de a escola ser burguesa, ou ao menos voltada para os interesses de uma classe dominante – tornam esse objetivo bastante difícil de ser alcançado. A escola promovida pelo Estado se encontra distante do tipo de escola humanista ou unitária, que, segundo Gramsci, “deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e iniciativa”²³.

O Estado necessita do consenso das massas para perpetuar a ordem vigente. Com efeito, é preciso que o Estado consiga este consenso através da função de educador. Todavia, “este consenso deve ser “organizado” e não “genérico e vago”²⁴, como ocorre, por exemplo, em época eleitoral. Por isso, o Estado precisa também “educar” esse consenso²⁵. E ele o faz, na medida em

²³ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, v.2, 2001. In: Caderno 12, p.34.

²⁴ SILVEIRA, Renê Trentin. Escola e classe social de um perspectivagramsciana: a sala de aula, o intelectual e os simples. Artigo publicado em ETD -Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.17, n.3, p.558-575, setembro/dezembro de 2015, p. 11.

²⁵ Idem

que dispõe recursos para investir na formação educacional das massas, formação essa voltada para a anuência e confirmação das diretrizes do Estado. A escola, uma vez fornecida pelo Estado, forma um aparelho de perpetuação da hegemonia política e cultural das classes dominantes, na medida em que eleva apenas uma parte da população a um nível cultural e moral correspondente ao desenvolvimento das forças produtivas²⁶.

Para compreender melhor o papel da educação e da escola em Gramsci, cabe aqui explicitar um pouco o que este autor entende por Estado. Para Gramsci, o conceito de Estado abrange duas grandes instâncias: a “sociedade política” e a “sociedade civil”, e é por meio desta última que o Estado exerce a função de educador do consenso entre as massas²⁷. No caderno 12 ele esclarece que essas duas instâncias são, na verdade, “dois grandes ‘planos’ superestruturais”: a sociedade civil, a qual se define “pelo conjunto de organismos designados vulgarmente como ‘privados’” e tem a “função de ‘hegemonia’ que o grupo dominante exerce na sociedade”; a sociedade política, entendida como o Estado de fato e que exerce o papel de “‘domínio direto’ ou de comando, expressa no Estado e no governo ‘jurídico’”. (GRAMSCI, 2006, C12, p.20-21). A escola é, assim, o que Gramsci chama de aparelho privado de hegemonia, isto é, uma instituição que atua dentro sociedade civil, a qual faz parte da superestrutura, e atua a fim de conseguir o consenso entre a classe dirigente e o restante da sociedade.

Nesse sentido, a escola tem por objetivo assegurar a ideologia dominante entre as camadas mais populares, dando a elas instrução e educação, porém educação esta coberta de um véu ideológico, muitas vezes imperceptível, véu que nem sempre interessa ao aluno mas é interessante para a classe dominante. Não é interessante para o aluno pois muitas vezes a inculcação ideológica não tem por objetivo ajudá-lo a alcançar a elevação cultural de que fala Gramsci; seu principal objetivo é formar força de trabalho e legitimar essa força através da ideologia, e assim legitimar a hegemonia do grupo dominante. Doravante, a escola pode não ser um instrumento de equalização social e é de fato, em alguns momentos, um instrumento de marginalização, visto que transforma os operários em marginais, buscando arrancar do seio desse movimento todos aqueles que ingressam no sistema de ensino.

²⁶ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, v.3, 2011. In: Caderno 8, p.284.

²⁷ Ibidem, Caderno 1, p.119.

As camadas dirigentes oferecem aos mais simples e subalternos o tipo de educação que lhes convém, a fim de camuflar as contradições que se encontram na escola e na própria sociedade. Para a escola do Estado, mas também para as escolas do âmbito privado, é mais interessante focar na aprendizagem prática ou profissional dos alunos, isto é, prepará-los para o mundo fabril, para o ambiente de trabalho, produzindo técnicos em grande escala. Ainda que existam medidas que objetivam um tipo de maturidade intelectual e humanista, elas são feitas de maneira desagregada, oferecendo o mínimo possível para que as escolas possam se dizer “formadoras de cidadãos”.

É possível observar uma padronização das escolas brasileiras, efeito que ocorre, mormente, em escolas públicas e técnicas e, em menor escala, em colégios particulares. Os colégios técnicos têm como mote ensinar práticas úteis à vida produtiva e profissional do indivíduo. Tais colégios, os quais podemos chamar de tecnicistas, promovem uma lógica que visa a formação de trabalhadores aptos para a indústria e pouco conscientes (mas vale ressaltar, há certa preocupação em formar cidadãos cultos, mesmo que minimamente) da realidade em que vivem. Estes indivíduos desenvolvem, pela experiência e pela própria visão de mundo que carregam, uma consciência crítica, porém desagregada, ou de elementos desconexos, uma vez que as escolas técnicas não têm a formação humanista e libertadora como foco pedagógico. Sendo assim esses indivíduos, ainda que sejam críticos, acabam inseridos em uma concepção de mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior²⁸. Evidencia-se, assim, a função hegemônica desenvolvida pela escola.

A escola, apesar disso, ainda pode ser um local de construção de uma maturidade intelectual e prática de seus alunos, a fim de se alcançar uma concepção de mundo orgânica e crítica, na qual prática e teoria tornam-se uno, unificando assim escola e vida²⁹. Pois em Gramsci a relação entre estrutura e superestrutura não é mecanicista, isto é, a estrutura não determina em absoluto a superestrutura. A relação entre ambas obedece um raciocínio que “se baseia sobre a necessária reciprocidade entre estrutura e superestrutura (reciprocidade que é precisamente o

²⁸GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 11, p.93

²⁹ FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. “Escola, educação e trabalho na concepção de Antonio Gramsci”. Artigo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUCPR, 26 a 29 de outubro de 2009, p. 9471.

processo dialético real”³⁰. A superestrutura, portanto, pode incidir sobre a estrutura econômica e social, na tentativa de alterar o quadro econômico de uma sociedade. Destarte, a escola sendo uma instituição que atua dentro da superestrutura não é unicamente reflexo da estrutura social. Ela pode se tornar espaço de luta contra a desigualdade social, quando se leva em consideração que nas próprias contradições existentes dentro dessa instituição estão os mecanismos para que os alunos alterem sua condição de subalternos.

Como espaço de contradições e lutas, a escola pode ser ambiente de aprendizado alternativo, ambiente que não seja apenas um instrumento do Estado, se se souber usar tais contradições a favor dos alunos. Além disso, as escolas públicas são espaço de aprendizado por excelência, ainda que em condições precárias, pois como bem aponta Silveira, “é nelas que se reúnem obrigatória e diariamente, cinco dias por semana, ao longo de vários anos, centenas de milhares de crianças e jovens”³¹. Não obstante, se o Estado necessita da coerção “exercida pela sociedade civil é porque a função de hegemonia não é totalmente garantida”³², máxime se se considera que é na sociedade civil que “os homens adquirem consciência de sua posição social e de seus objetivos” (GRAMSCI, 2001, C10, p.389). Ora, se os homens adquirem tal consciência na sociedade civil, que é uma superestrutura, então por que não na escola, ambiente de aprendizagem e de circulação de ideias por natureza?

A escola, doravante, age como um dos aparelhos hegemônicos do Estado, e educa o consenso deste, em consonância com os interesses da classe dominante. Os agentes dessa educação são “os intelectuais (os “prepostos” da classe dominante) que agem no campo da sociedade civil, ou seja, no caso da escola, os professores”³³. Os professores são os intelectuais atuantes na escola, e é através deles, de sua atividade, que a escola pode ser também um local de resistência, de explicitação das contradições que se encontram na sociedade de classes. O professor pode auxiliar os alunos a saírem da simples condição de futuros trabalhadores, para se

³⁰ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Op. cit., p.250.

³¹ SILVEIRA, Renê Trentin. Escola e classe social de um perspectivagramsciana: a sala de aula, o intelectual e os simples. Artigo publicado em ETD -Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.17, n.3, p.558-575, setembro/dezembro de 2015, p. 569.

³² Idem

³³ SILVEIRA, Renê Trentin. Escola e classe social de um perspectivagramsciana: a sala de aula, o intelectual e os simples. Artigo publicado em ETD -Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.17, n.3, p.558-575, setembro/dezembro de 2015, p. 569.

tornarem também possíveis dirigentes da sociedade, senhores de si, autônomos de pensamento e conscientemente críticos da realidade em que vivem.

Nesse sentido, o presente trabalho investigou em Gramsci elementos teóricos que propiciam uma leitura da escola como espaço de aprendizado e desenvolvimento intelectual de indivíduos, tal qual previa Gramsci, pois a escola "luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções de mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna"³⁴ e crítica de mundo.

Conclusões

O presente trabalho origina-se de uma pesquisa ainda em sua fase inicial, e mesmo que não se encontrem conclusões definitivas para a questão do professor enquanto intelectual orgânico das camadas populares, pode-se inferir alguns apontamentos ou considerações a partir de Antonio Gramsci, baseados na análise dos Cadernos do Cárcere, números 10, 11 e 12.

Primeiramente, o pressuposto de que o intelectual orgânico necessita do contato com as camadas populares para exercer sua função orgânica é, para Gramsci, um imperativo. Sem essa condição, o intelectual se afasta do compromisso assumido com a classe que representa, aproximando-se muito mais do tipo tradicional de intelectual. É necessário que a relação entre intelectuais e povo seja orgânica, relação “na qual o sentimento-paixão torna-se compreensão e, desta forma, saber”, pois somente assim “realiza-se a vida do conjunto, cria-se o bloco histórico”³⁵. No caso do professor de escola pública, ele pode explorar relação dialética entre professor e aluno para garantir que o imperativo gramsciano de contato com os simples esteja garantido. Não obstante este contato, é também uma prerrogativa do intelectual orgânico elevar culturalmente aqueles que representa, e uma das formas de fazê-lo é partir da crítica à filosofia espontânea inerente a cada aluno. Pois por meio dessa crítica, da superação de suas falácias e

³⁴ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 12, p. 42.

³⁵ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007. In: Caderno 11, p.221.

anacronismos, é que se pode criar uma concepção de mundo mais orgânica e elevada, resultando numa verdadeira reforma intelectual dos alunos. Vislumbra-se assim um possível caminho para o professor enquanto intelectual orgânico das camadas populares.

Segundo, o contato entre intelectual e povo se dá em todos os lugares sociais, mas é na escola, sobretudo, que esse contato acontece mais intensamente. Ainda que ela funcione como aparelho privado de hegemonia, estando em congruência com os interesses da classe dominante, a escola pode se tornar espaço de luta. Pois em Gramsci a relação entre estrutura e superestrutura é recíproca e de determinações múltiplas, de modo que a superestrutura incide e modifica o campo da estrutura. A escola não é mero reflexo da estrutura social, visto ser uma instituição que age dentro da superestrutura. Ela pode ter um papel anti-hegemônico, se se leva em conta que nas contradições existentes dentro da própria escola estão os mecanismos para que os alunos tomem consciência de sua posição no mundo e de sua atividade prática. A escola pode, assim, colaborar para uma reforma intelectual e construção de uma nova hegemonia.

Este trabalho teve por objetivo mostrar, às luzes do pensamento de Antonio Gramsci, possíveis caminhos para o professor enquanto intelectual orgânico comprometido com as camadas populares, bem como apontar que a escola pode ser um espaço de luta anti-hegemônica. As conclusões aqui expostas não se esgotam por si mesmas e servem de impulso para novas análises e futuros desdobramentos ao longo da pesquisa de mestrado.

Referências Bibliográficas

- BEIRED, J. L. B. **A função social dos intelectuais**. Em: AGGIO, Alberto. **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BOBBIO, Norberto. "Os Intelectuais e o Poder". Tradução de Marco Aurélio Nogueira, São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Escola, educação e trabalho na concepção de Antonio Gramsci**. Artigo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUCPR, 26 a 29 de outubro de 2009.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 10 (1932-1935) – A filosofia de Benedetto Croce. In: **Cadernos do cárcere**. Introdução ao Estudo da Filosofia. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Coedição de Marco Aurélio Nogueira e Luis Sérgio Henriques. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, v.1.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 11 (1932-1933). Introdução ao Estudo da Filosofia. In: **Cadernos do cárcere**. Introdução ao Estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição de Carlos Nelson Coutinho. Coedição de Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, v.1

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). Apontamentos e notas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, v.2.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos 1 (1929-1930) e 8 (1931-1932). In: **Cadernos do Cárcere**. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011, v.3.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais orgânicos em tempos de pós-modernidade**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 379, set./dez. de 2006

SILVA, Deise Rosálio. **Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2010

SILVEIRA, Renê Trentin. **Escola e classe social de um perspectivagramsciana: a sala de aula, o intelectual e os simples**. Artigo publicado em ETD -Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.17, n.3, setembro/dezembro de 2015.

I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia
Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação
23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE
Anais da Jornada: ISSN 2526-6950